

Tampas sepulcrais insculpturadas da época do bronze

Sumário.—As tampas sepulcrais insculpturadas do sul de Portugal.—A tampa inédita de S. Bartolomeu da Serra; sua interpretação.—Comparação, cronologia e significado destes monumentos.

A primeira tampa sepulcral insculpturada da época do bronze encontrada em Portugal parece ter sido a de Santa Vitória, hoje existente no Museu de Beja. Descoberta em 1868, tem em relêvo uma espada com boldrié, ladeada por dois machados encabados, um em forma de cunha, outro em forma de crescente, mostrando ainda outros objectos de difficil interpretação.

Cobria uma sepultura aonde se encontrou um vaso de tipo argárico¹.

Posteriormente outras apareceram. De Beringel conhecem-se desde 1892 duas, também no Museu de Beja: uma aonde apenas se reconhece uma espada embainhada, com talim; outra, de que só existe um fragmento, que tem representada, também em relêvo, a extremidade dum cabo de machado em forma de crescente².

Em 1898 o meu illustre Mestre S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos conseguiu descobrir mais três em Mombeja, duas das quais se acham no Museu Etnológico. Na mais importante observa-se um machado de gume circular com a face ornamentada e ao lado a empunhadura duma espada³.

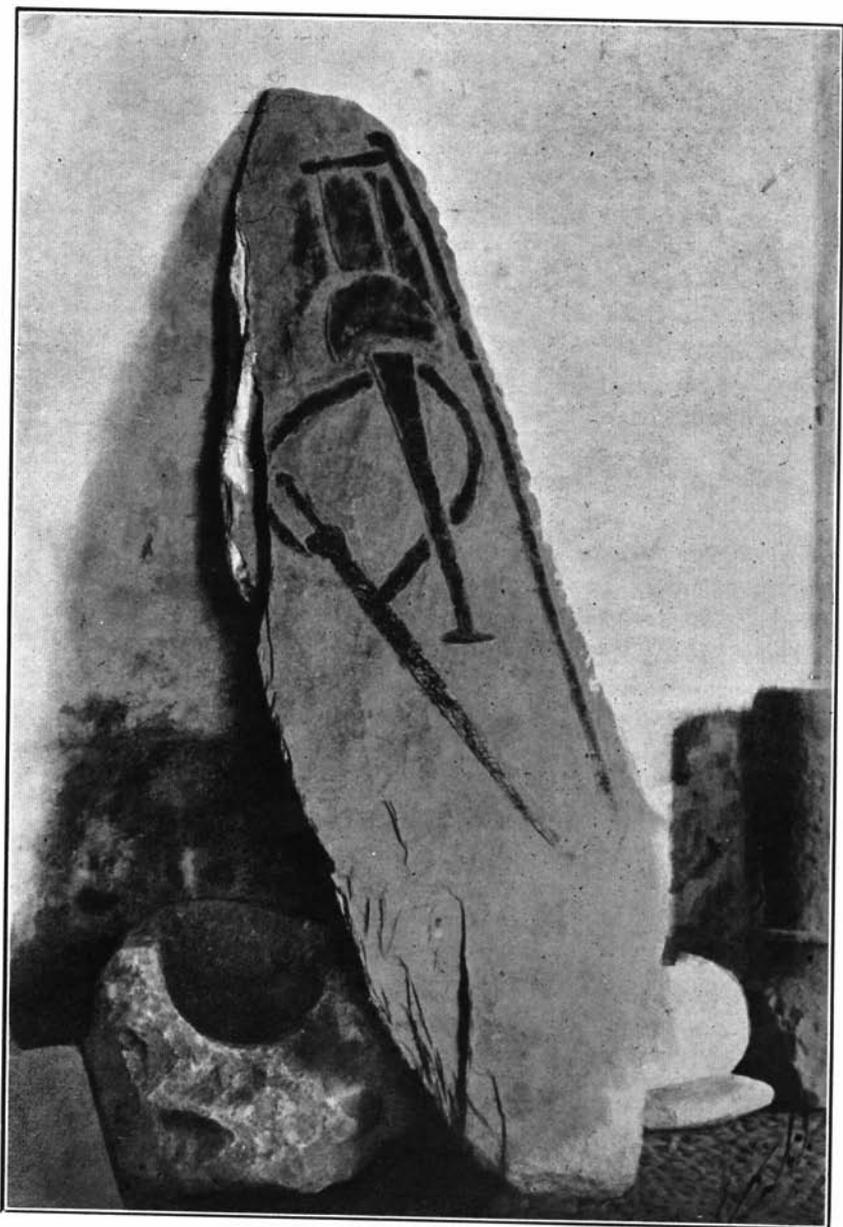
Em 1908 o Colector-Preparador do Museu Etnológico, José de Almeida Carvahais, soube do aparecimento na herdade da Defesa, concelho de S. Tiago do Cacém, duma outra tampa, também hoje existente no Museu Etnológico do D.^{or} Leite de Vasconcellos. Nela se dispõem, reconheciveis, em relêvo, uma espada e um machado de corte semi-lunar⁴. Na mesma ocasião obteve ainda o S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos para o mesmo Museu uma outra lápide em Panoias,

¹ J. Leite de Vasconcellos, *Estudos sobre a época do bronze*, in *O Arch. Port.*, XI, 182.

² Id., *ib.*, p. 183.

³ Id., *ib.*, p. 184.

⁴ J. Leite de Vasconcellos, *Estudos sobre a época do bronze*, in *O Arch. Port.*, XIII, 300.



na qual se vê um machado de gume semi-circular¹ e vestígios que penso serem dum machado encabado chato.

A estas tampas venho eu juntar a descrição duma outra inédita, talvez a mais completa de todas as encontradas. Foi descoberta, por ocasião da lavoura, na herdade das Pereiras, junto à ribeira de A Bela, freguesia de S. Bartolomeu da Serra, concelho de S. Tiago do Cacém.

Mede de comprimento 2^m,17, de largura 0^m,22 na parte superior e 0^m,74 na parte inferior e de espessura entre 0^m,6 e 0^m,8, segundo dados que me enviou o S.^{or} D.^{or} Cruz e Silva, de S. Tiago do Cacém, em cujo Museu a vi em 1929 pela primeira vez.

Apresenta esta campá, em relêvo, uma espada à qual se liga uma espécie de cinturão. No punho da mesma observam-se oito pregos (Est. XII). Ao lado da espada, com o gume em sentido oposto ao bico desta, um machado de gume semi-lunar, em frente do qual se dispõem outras figuras de difícil identificação. Serão simples ornatos? Não o creio. ¿Será a do centro, de forma rectangular, um machado em forma de cunha? Na obra de V. Gordon Childe, *The Bronze Age*, Cambridge, MCMXXX, vem representado a p. 63, fig. 1, um semelhante.

¿Serão as dos lados navalhas de barba análogas às representadas por Déchelette, vol. II, p. 262, fig. 93? ¿Ou serão faca e respectiva bainha? Impossível dizê-lo.

Marginando a pedra vê-se ainda uma alabarda encabada, espécie de punhal de base larga encabado à maneira de machado².

A tampa sepulcral de S. Bartolomeu da Serra foi descoberta há já anos. Nas investigações feitas no local tempo depois do aparecimento nada se encontrou.

*

Comparando a campá de S. Bartolomeu da Serra com as estudadas pelo S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos³ e que acima mencionamos poderemos concluir:

1.º Que a sua espada se assemelha à da laje de Beringel (sepultura D) e em especial à da lápide da Defesa (S. Tiago de Cacém);

¹ Id., *ib.*, 304.

² Vid. Dr. Hubert Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*, Madrid 1915, p. 12.

³ Vid. ainda *Religiões da Lusitania*, vol. III, Lisboa 1913, p. 4.

2.º Que o seu machado tem a forma dos das tampas de Santa Vitória, Beringel (sepultura *E*), Mombeja, Defesa e Panoias;

3.º Que a lápide de S. Bartolomeu da Serra tem a mais de novidade a representação duma alabarda e de três objectos difíceis de precisar;

4.º Que as pequenas diferenças existentes nas referidas lápides não obstam a que possam ser consideradas como uma manifestação cultural da mesma época e possivelmente do mesmo povo.

¿Mas a que época pertencerão? Considero-as do final da primeira metade da época do bronze, porque:

a) As espadas das tampas de S. Bartolomeu da Serra e da Defesa lembram a representada na fig. 60 de *L'Humanité Préhistorique*, de Jacques de Morgan e, segundo o S.^{or} D.^{or} Mendes Correia, uma de Cheylonnet¹, as quais pertencem ao Br. II (classificação de Déchelette);

b) Porque os seus machados de gume semi-lunar pertencem ao tipo dos representados na fig. 60, n.º 4, do citado trabalho de Morgan, e na est. II do vol. II do *Manuel d'Archéologie* de Déchelette, também classificados no Br. II;

c) Porque a cerâmica encontrada na sepultura de Santa Vitória é de tipo argárico, isto é, do Br. II, segundo Gimpera;

d) Porque as alabardas, e há uma na laje de S. Bartolomeu da Serra, não vão além do Br. II.

As tampas sepulcrais insculptadas da época do bronze de Portugal pertencem portanto ao segundo período desta idade, mas ao final, visto a espada da lápide de S. Bartolomeu da Serra apresentar, o que é característico do final da primeira metade da época do bronze, oito pregos no punho², e dar-se na mesma a coexistência duma espada e duma alabarda, o que só poderia ter-se dado nos derradeiros tempos do Br. II.

*

¿Que influências culturais revelam as lápides insculptadas do sul de Portugal de que nos temos ocupado?

Se por um lado observamos influências do SE. da Espanha na cerâmica argárica, na existência da alabarda e até no emprêgo dos machados de gume circular, por outro lado a forma semi-lunar desses machados e a ornamentação que um deles apresenta numa lápide de Mombeja parecem ligá-las ao N. da Europa.

¹ Cf. Mendes Correia, «Lusitania pre-romana», in *História de Portugal*, Portucalense Editora, pp. 150 e 151.

² Cf. Melida, *Arqueologia española*, Barcelona 1929, p. 94.

Da distribuição geográfica das referidas tampas sepulcrais (S. Tiago de Cacém, Beja, Ourique) podemos concluir o encontro de influências diferentes: as de SE. far-se-iam pelas províncias espanholas da Estremadura e Andaluzia, as do N. por via marítima e fluvial. A disposição dos locais aonde apareceram as lajes dum e doutro lado do rio Sado poderá justificar esta hipótese.

MANUEL HELENO.

(Comunicação ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pre-histórica).

Povoações portuguesas vindas do passado¹

I.—Vivendas pre-historicas. Castros lusitanos em geral; vestígios d'elles em tempos modernos.

Os incolas primitivos do territorio que com o andar do tempo veio a chamar-se PORTUGAL viviam em campinas, em vales, em montes, servindo-se de moradas que devemos imaginar serem choças feitas de pernadas de arvores, como as dos pastores, ou de pedra sôlta, cobertas de ramagens,—e por vezes tambem em grutas naturais. Assim acontecia, por exemplo, nas cercanias de Lisboa, na Furninha (camada inferior da gruta), no Ribatejo, em praias minhotas,—durante idades denominadas respectivamente da pedra lascada ou paleolitica, dos kjækkenmöddinger, e asturiense.

No *Peuplement du Portugal aux temps préhist.*², e na *Toponimia & Arqueologia*³ mostrou-se que os nossos monumentos funerarios dos tempos pre-historicos, que os archeologos chamam *dolmens*, e o povo *antas*, *orcas*, *mamôas*, etc., deixaram até o presente inumeros vestígios materiais e toponimicos,—o que declara que a nossa terra foi então muito povoada: tais monumentos deviam corresponder a grupos de habitações, posto que pouco saibamos d'elas. Não apareceram ainda entre nós *fonds de cabanes* bem

¹ Este artigo pertence á *Etnografia Portuguesa* que o autor d'ele está escrevendo: é extraído do liv. I (*A terra de Portugal*), pt. 2.^a (*Historia de territorio*), secção B (*Povoamento*), da qual constitue o cap. I.

² = *Opusc.*, v, 38 sgs.

³ = *Opusc.*, III, 278).